

Investimentos maciços na produção farão economia crescer 7% a partir de 1997

Nova onda de desenvolvimento tem participação expressiva do capital externo

Sérgio Marques

Sílvia Faria

• BRASÍLIA. A ministra da Indústria e do Comércio, Dorothea Werneck, em entrevista exclusiva ao GLOBO, anunciou uma novidade que todos os brasileiros ansiavam por ouvir: os investimentos elevados no aumento da produção interna feitos em 1994 vão garantir um crescimento de 6% a 7% da economia a partir do próximo ano. Segundo ela, esse crescimento não prejudica o Plano Real, porque não se fará apenas pelo aumento do consumo. Vai ampliar a produção de bens e serviços, com ajuda expressiva do capital estrangeiro.

— Com os investimentos excepcionais feitos em 1994, temos condições de crescer 6%, 7% em 1997 e 1998 — diz a ministra.

O otimismo de Dorothea não se abala com as projeções negativas das contas públicas. Para ela, está tudo bem com a economia real. A ligação entre o déficit público e a economia real se expressa nas taxas de juros elevadas — ainda que declinantes — que tornam muito caro o custo do investimento no Brasil. Mas Dorothea argumenta que, em muitos setores, o que tem acontecido é a vinda direta do capital estrangeiro; ou sua associação com empresa brasileira; ou ainda a captação de recursos no exterior.

Dorothea e sua equipe têm mantido constantes encontros com setores empresariais, nacionais e estrangeiros, e articulado uma estratégia de sustentação a novos investimentos, através do BNDES. A estratégia tem por objetivo preparar a empresa brasileira para fazer o que já se faz em todo o mundo: disputar cada vez mais o mercado externo.

— Não existe hoje empresa no mundo que não olhe para os dois mercados: o doméstico e o externo — acrescenta.

A reestruturação do parque industrial brasileiro, segundo Dorothea, está mudando profundamente o perfil das fábricas nacionais. Há setores, como os de eletrônicos, eletrodomésticos, alimentação e bens duráveis, em condições de competir com seus pares no exterior. Mas há também aqueles segmentos que não acreditaram na abertura da economia e ficaram atrasados na conquista da produtividade, como têxteis, calçados e autopeças. No caso de autopeças, grande parte das empresas está se associando a estrangeiros e 30% do segmento deverão desaparecer com a competição.

— A grande expansão do setor automobilístico brasileiro está exigindo resposta rápida das indústrias de autopeças — disse.

A alternativa para as indústrias calçadistas e têxteis, segundo a ministra, é produzir bens mais so-



MINISTRA DOROTHEA WERNECK: "Crescimento não comprometerá o Plano Real, pois não vai forçar o consumo"

Com os investimentos excepcionais que foram feitos na produção em 1994, com a participação do capital estrangeiro, temos condições de crescer de 6% a 7% em 1997 e 1998

DOROTHEA WERNECK
Ministra de Indústria e Comércio

fisticados e caros. Na faixa mais barata, não há condições de competir com os asiáticos. Consequentemente, o consumidor brasileiro das faixas de menor renda vai consumir importados, que são mais baratos.

— No caso de tecidos e confecções, temos dois extremos também: uma indústria de confecção que está sofrendo concorrência internacional desonesta. Estamos trabalhando em processos de defesa contra esse tipo de concorrência. Mas também está havendo investimentos monumentais no Brasil. O grupo Coteminas vai produzir camiseta de malha a R\$ 0,60 e camiseta pólo a R\$ 2 na fábrica. São preços competitivos com os asiáticos, obtidos graças a pesados investimentos em tecnologia — diz Dorothea.

No processo de retomada do crescimento, está ocorrendo uma realocação do parque industrial, com muitas empresas indo para Minas Gerais, em busca de mais espaço, e para o Nordeste, onde a mão-de-obra é mais barata. Dorothea acredita que o de-

semprego verificado em áreas industriais tradicionais está sendo compensado nas novas regiões, embora a absorção total dos desempregados dependa ainda do nível de crescimento:

— A proporção depende do setor. Uma unidade nova, na maioria dos casos, tem tecnologia avançada, é mais intensiva em capital e às vezes adota a robotização. Mas, se a produção se expande, é possível ter mais empregos do que antes. Ao se tornar competitiva, ela pode manter o nível de produção que antes era para o mercado interno e conquistar o mercado externo.

Proálcool prioriza produção para misturar à gasolina

Dorothea tem enfrentado e resistido a muitas pressões nos últimos dias, desde o reajuste dos combustíveis, para dar um fôlego extra ao Proálcool, até as especulações na área política que dão como certa sua substituição no ministério.

Quanto ao Proálcool, Dorothea diz que a prioridade do Governo

no momento é garantir o suprimento do álcool hidratado para a frota já existente e direcionar a capacidade de produção restante para o álcool anidro.

— Há dois tipos de álcool: o hidratado, usado diretamente nos carros a álcool, e o anidro, usado para misturar à gasolina. A frota de 4,3 milhões de veículos a álcool está em redução porque a fabricação destes veículos caiu muito. E tivemos um aumento de mais de 20% no ano passado do consumo do outro, o anidro misturado à gasolina — explica.

Dorothea admite que não será possível investir no aumento da frota de carros movidos a álcool enquanto não se reduzir o custo de produção. Hoje, o barril de álcool custa US\$ 34, contra US\$ 53 o de gasolina.

— A produção de hidratado continuará, para suprir a frota existente e a frota verde, que queremos formar. Frota significa táxis, locadoras, serviço público, veículos para transporte de carga. Se houver alguma crise do petróleo, volta-se a produzir o hidratado. A prioridade é produzir mais anidro. Quando o Proálcool foi criado, a intenção era substituir a gasolina. Agora, a preocupação é com o meio ambiente, atendida pela mistura — diz.

Quanto às pressões políticas sobre o seu cargo, a ministra acredita que já estão se reduzindo. Para ela, o fato de o MICT ser um ministério técnico torna-o um alvo mais fácil. ■